

55 MINUTOS

Eu li a ficha técnica como quem lê a etiqueta de um vinho antes de provar: um conjunto de nomes, uma duração exata, a promessa de uma experiência já domesticada — e, no entanto, há fichas assim que não informam: invocam. Segundo a ficha, a peça durava 55 minutos. Elas funcionam como aquela campainha antiga de recepção de hotel, um tilintar mínimo que anuncia não um serviço, mas a abertura de um mundo.

Porque “55 min.”, quando se trata de palco (ou de tela, ou de qualquer lugar onde uma vida é condensada até caber numa respiração), não é medida de tempo; é medida de febre. Cinquenta e cinco minutos podem ser um gole d’água ou um naufrágio inteiro. Podem ser o suficiente para que alguém se arrependa de uma frase dita no impulso e passe o resto da existência tentando desfazer o estrago. Podem ser o necessário para que duas pessoas se reconheçam sem nunca terem se visto. E, às vezes, são o intervalo exato para que o espectador — animal que finge estar sentado, mas na verdade está sendo mexido por dentro — reencontre um pensamento que havia perdido numa esquina da vida.

Cheguei com o cansaço discreto de quem atravessou o dia como se atravessa uma sala cheia: pedindo licença aos móveis, desviando de compromissos, recolhendo do chão os pedaços de atenção que a rotina derruba. Eu estava naquela condição moderna, tão banal quanto trágica, de ter tudo ao redor funcionando e, dentro, uma pequena rebelião de ruídos. E é curioso: quando a mente está barulhenta, a gente procura a arte do mesmo jeito que procura sombra — sem discurso, por instinto.

A ficha técnica, então, foi o primeiro “acordo” entre mim e o que viria: você se entrega por 55 minutos, e eu te devolvo diferente — nem que seja por um milímetro. E há uma delicadeza severa nesse pacto. É como a promessa de um livro: “vou te tomar algumas horas, mas te darei outra forma de olhar o mundo”. Machado de Assis, com seu sorriso de lâmina, talvez dissesse que ninguém sai ileso de uma boa narrativa — nem quando ela parece pequena. Rubem Braga, se estivesse ali, talvez preferisse chamar de “momento”: um pássaro pousando no fio, e pronto, o coração muda de lugar.

Quando as luzes obedeceram ao seu próprio ritual e o silêncio se instalou (não o silêncio de ausência, mas o silêncio de expectativa, esse silêncio cheio), eu entendi uma coisa simples: não era apenas um espetáculo; era uma espécie de reunião secreta. E o mais curioso nessas reuniões é que ninguém chega igual. Há quem venha por fome de beleza, há quem venha por tédio, há quem venha por amor, há

quem venha para esquecer, há quem venha — e isso é o mais comovente — para tentar lembrar de si mesmo.

O elenco não entrou como quem cumpre marcação: entrou como quem abre portas. Há atores que “representam” e há atores que “acendem” um espaço. Esses segundos primeiros, em que o corpo ainda está ajustando a presença, têm algo de confessionário: a plateia percebe, sem saber explicar, se o que virá será só uma sequência de cenas ou se será uma espécie de verdade com roupa de ficção.

E é aí que o teatro — ou o audiovisual com alma de teatro — faz a sua vingança contra o mundo prático. Porque o mundo prático vive nos prometendo controle: agenda, metas, notificações, produtividade, essa religião do “dê conta”. A arte, ao contrário, nos promete o descontrole necessário: sentir o que não estava previsto. Ela faz o que a vida cotidiana quase nunca permite: suspende a nossa pressa. E, quando suspende a pressa, aparece o que a pressa escondia. Uma memória antiga, um medo pequeno, um desejo sem nome, uma culpa que a gente varreu para baixo do tapete com a vassoura do “depois eu vejo”.

Os 55 minutos passaram a agir como um relógio ao contrário: em vez de me levar adiante, me levaram para dentro. E, no meio dessa travessia, percebi que a ficha técnica — aquela frase inicial, seca, objetiva, de catálogo — era uma espécie de armadilha gentil. Ela me enganou com racionalidade para que eu aceitasse o irracional: acreditar numa história alheia como se fosse minha.

Há um tipo de direção — e aqui penso nela como metáfora tanto quanto como nome — que não manda: escuta. O diretor, quando é bom, é um leitor do invisível. Ele percebe a pausa que o texto não escreveu, a tensão que ninguém declarou, o gesto que diz “não” enquanto a boca diz “sim”. E isso é uma ética: a ética de não violentar o material, de não forçar o mundo a caber numa tese. É o oposto daquela vontade de enquadrar tudo, tão contemporânea, tão ansiosa, tão persuadida de que se o real não cabe numa categoria, então o real está errado.

E o roteiro me pareceu desses que não pedem aplauso: pedem escuta. Roteiros assim são como bilhetes deixados na mesa da cozinha: a letra é simples, mas o que está ali é um mapa do que a pessoa não soube dizer em voz alta. Há textos que gritam; há textos que sussurram. E, ironicamente, os sussurros costumam atravessar a gente com mais força, porque nos obrigam a chegar perto.

Quando terminou, eu fiquei um instante sem a coragem automática de levantar. Isso me acontece às vezes: o corpo quer voltar ao mundo, mas a cabeça ainda está naquele lugar onde as coisas tinham um outro peso. O que é, afinal, o “fim” de um espetáculo? Na vida, o fim é quase sempre burocrático: uma porta fecha, um e-mail encerra, um contrato acaba, uma pessoa vai embora. Na arte, o fim é mais

estranho: ele continua. O fim é só o ponto em que o palco devolve ao espectador a responsabilidade de sentir sozinho.

Saí com aquela sensação paradoxal de quem ganhou algo e não sabe onde guardar. Você conhece? É como encontrar uma frase num livro e, por alguns minutos, perceber que ela descreve a sua vida com uma exatidão indecente. A gente fecha o livro, mas a frase não fecha. Vai junto. Ela passa a olhar por nós.

E, no caminho de volta, fiquei pensando na honestidade cruel do “55 min.” Porque nós vivemos adiando a vida como se tivéssemos um estoque infinito de horas. A gente se promete que depois vai amar melhor, ler melhor, ouvir melhor, dormir melhor, viver melhor. Como se o “depois” fosse um lugar garantido no mapa. Mas, quando um espetáculo se anuncia com duração, ele nos lembra que a beleza é sempre temporária — e, por isso mesmo, urgente.

No fundo, a ficha técnica era um aviso, não sobre o espetáculo, mas sobre nós: “dura pouco”. A vida dura pouco. A lucidez dura pouco. A coragem dura pouco. O carinho dura pouco, se a gente não cuida. E talvez seja por isso que a arte exista: para nos ensinar a tratar o pouco como sagrado.

Quando cheguei em casa, a frase inicial voltou, inteira, como quem retorna para cobrar sentido: “O roteiro é..., a direção é..., o elenco está..., (55 min.)”. E eu sorri com uma ternura meio cansada. Porque entendi, enfim, que aquela frase não era uma etiqueta. Era um portal.

E eu, que entrei procurando apenas distração, saí com uma coisa muito mais rara: uma espécie de silêncio por dentro — não o silêncio morto, mas aquele silêncio vivo, que faz a gente ouvir o próprio coração sem medo.

Boa noite. Se amanhã a mente voltar a fazer barulho, lembre-se: às vezes, bastam 55 minutos para a gente recuperar a chave de si mesmo.